

239495

Informática

Seu vocabulário e a ampliação do léxico do Português

Artur Roberto Roman (*)

RESUMO

No Brasil, o vocabulário da informática está sendo construído em ritmo veloz, quer por empréstimos, quer por formação ou mesmo por extensão de significado; sua incorporação pelos falantes vem acontecendo de maneiras nem sempre previsíveis. O objetivo deste trabalho é descrever alguns aspectos desse processo de ampliação do léxico do português, procurando estabelecer um mínimo de sistematização. Queremos perceber que esse vocabulário gradativamente deixa de ser especializado para cair no domínio público, graças à popularização dos computadores.

(*) **Artur Roberto Roman** é funcionário do Banco do Brasil e desenvolve dissertação de mestrado sobre a linguagem na comunicação empresarial, no curso de pós-graduação em Letras da UFPR.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Os computadores em nossa vida

É fato indiscutível que o desenvolvimento dos computadores produziu transformações profundas, não só na organização social, mas até nos mais singelos hábitos de nossa vida cotidiana. Esse engenho, que aumenta a capacidade humana de ampliar seus conhecimentos, permitindo armazená-los, organizá-los e difundi-los, marca uma nova etapa no processo civilizatório. Vivemos em um mundo cada vez mais orientado pelo computador. Durante todo tempo estamos de alguma forma sendo tocados, mesmo que indiretamente, por alguma de suas infinitas aplicações.

Embora o computador nada mais seja do que um sofisticado instrumento de processamento de informações fornecidas necessariamente pelo homem, subsistem ainda preconceitos e receios quanto à informática.

A palavra **sistema**, que entrou em cena com Saussure e o estruturalismo, ganhou mais prestígio com a Teoria Geral dos Sistemas, recebe da informática uma nova função, não apenas semântica, mas principalmente pragmática: nos Bancos, instituições que mais rapidamente informatizaram seus processos de trabalho, é comum ouvir dos solícitos atendentes, quando se referem a algum erro ou problema na conta do cliente: "*foi o sistema!*", ou então: "*o sistema vai corrigir!*". Explicações e justificativas dessa natureza são aceitas graças à crença na infalibilidade dos processos informatizados, decorrente de uma visão ingênua, própria do senso comum, a respeito dos processos que não podem ser acompanhados fisicamente.

A inexorabilidade da informática, portanto, faz aflorar também questões relacionadas aos próprios limites do homem, o que acaba por refletir necessariamente na linguagem. Esta, mais que um instrumento utilizado na comunicação entre os homens, é também o meio de interação com o computador. Assim, a amplitude e a intensidade dessas transformações não deixa imune tampouco a lingüística, que deve incorporar para discussão as questões que lhe são afetas.

1.2. Um pouco de história e perspectivas...

O desenvolvimento dos microprocessadores a partir do final dos anos 70 revolucionou o mercado dos computadores, pois possibilitou reduzir drasticamente não só o tamanho como o custo de um equipamento. A sensível evolução ocorrida nos processos de uso do computador, que permite por sua facilidade que seja operado até por crianças, aliada ao baixo custo, patrocinaram a larga expansão que hoje verificamos. Assim, o computador deixa as salas refrigeradas e "assépticas" dos CPD, para invadir, em forma de micro, as pequenas empresas, as escolas e cada vez mais os lares, ocupando espaço ao lado da televisão, do telefone, do forno microondas, do CD...

O mercado já aguarda a quinta geração de micros, com um milhão de componentes eletrônicos colocados no espaço equivalente ao buraco de uma agulha de costura. O tempo de acesso à informação será expresso em picossegundos, enquanto os softwares incorporarão técnicas de inteligência artificial. Não é ousado prever que, no mundo dito civilizado, num prazo não muito distante, o microcomputador se tornará um poderoso e indispensável objeto de uso pessoal!

2. AS LINGUAGENS DA INFORMÁTICA

O computador executa seu trabalho seguindo instruções previamente determinadas. Estas instruções, executadas sucessivamente pela máquina para conduzir a um resultado projetado anteriormente, são chamadas de **programas**. Os programas são constituídos por códigos representando as diferentes operações que o computador deve executar. Esses códigos foram desenvolvidos para as estruturas do computador e é a única linguagem que o computador realmente entende. É chamada de **linguagem de máquina**.

As **linguagens de programação**, tal qual as linguagens naturais, possuem um vocabulário (**comandos**) que podem formar frases (**instruções**) obedecendo a um conjunto de regras (**semântica**) e segundo uma forma determinada (**sintaxe**).

Apesar da vasta coleção de programas

disponíveis no mercado, graças ao desenvolvimento de linguagens de programação, os usuários podem programar por si mesmos os seus computadores. Existe atualmente em uso um grande número de linguagens de programação e também outras tantas sendo desenvolvidas, sempre com o objetivo de aproximar cada vez mais a sua sintaxe da língua natural, facilitando, assim, cada vez mais a sua aprendizagem e aplicação.

A propósito disso lemos em França: *"O objetivo das linguagens de programação é assemelhar-se, tanto quanto possível, às linguagens naturais, isto é, à linguagem que nós usamos. Como os primeiros desenvolvimentos foram feitos por pesquisadores da língua inglesa, nada mais natural que a escolha do inglês como a linguagem a que se desejasse chegar. Acontece que os países de língua inglesa não foram responsáveis apenas pelos primeiros desenvolvimentos, mas também pela maior parte deles. Apesar de que as linguagens de programação e seus respectivos programas compiladores não sejam fáceis de se fazer, é claro que poderíamos perfeitamente ter linguagens e compiladores feitos no Brasil, assemelhando-se ao português e não ao inglês. Haveria, porém, uma série de desvantagens. As poucas experiências feitas neste sentido tem demonstrado que este esforço não é compensador"*. (1988:64)

O inglês, portanto, se tornou a língua da informática, por mais que isso incomode os pudores jacobinos.

3. CONSTRUÇÃO DO VOCABULÁRIO DA INFORMÁTICA NO PORTUGUÊS

O vocabulário da informática se compõe basicamente de empréstimos do inglês, de ampliação de significado e de formações novas no português.

A propósito da máxima lingüística citada por Sandmann (1990:11) **"Verba sequuntur rem"** ("As palavras seguem as coisas"), no caso da informática isso ocorreu num ritmo vertiginoso, compatível, a propósito, com a velocidade de processamento dos computadores.

A introdução das primeiras palavras, vinda do inglês, se deu em meio técnico especializado. Porém, com a proliferação dos microcomputadores esse vocabulário se amplia, recebe também palavras do português, expandindo-se e trivializando-se entre os usuários. A utilização nos classificados e

nas mensagens publicitárias atestam a popularização desses termos, incorporados rapidamente ao léxico do português. Assim, embora continue sendo técnico, por sua divulgação crescente entre os falantes, grande parte desse vocabulário vai deixando de ser especializado.

A informática possui o seu campo semântico específico, assim como o universo automobilístico possui expressões que lhe são próprias. Junto com os primeiros automóveis, importamos também do inglês o seu vocabulário, que consistia basicamente de nome de peças. Hoje subsistem poucos nomes emprestados, predominando nomes em português. Para que não se façam comparações apressadas, para concluir que acontecerá o mesmo com o vocabulário da informática, vale lembrar que, no caso de veículos, o Brasil desenvolveu um parque industrial de grandes proporções, sendo hoje, inclusive, exportador. No que tange aos computadores, mesmo com a política governamental da reserva de mercado – com os dias contados, a propósito – essa indústria é incipiente, não tendo conseguido desenvolver tecnologia competitiva. Além disso, como já observamos em capítulo anterior, o inglês estabeleceu-se como língua padrão na área de informática.

Lemos em Borba, a propósito de empréstimos lingüísticos que: *"o vocábulo importado, embora adaptado à fisionomia mórfica da língua nativa, persiste com caráter anômalo porque não se presta a uma análise de conteúdo, firmada na consciência lingüística coletiva, que tem uma maneira própria, habitual de sentir as palavras. A forma estrangeira não se integra completamente no sistema mórfico da língua"*. (1970:279).

Poderíamos questionar essa afirmação do autor, argumentando que na informática não há qualquer tipo de restrição ao inglês. Coexistem pacificamente empréstimos ao lado de palavras do vernáculo: **"joystick, monitor, drives, impressoras, winchesters"**. (Folha de São Paulo). Muitos verbos do inglês, sem tradução, são conjugados no português: acessar, abendar, stopar, setar, resetar... Após um estranhamento inicial o falante termina por incorporá-los sem qualquer dificuldade ou prevenção, fixando-se no repertório lingüístico dos falantes.

Um bom exemplo desse pragmatismo lingüístico nos é dado por Jon William Toigo: a expressão **configurações mestre/escravo** era utilizada para designar a relação que se estabelece em um sistema de multiusuário, ou seja, a intercomunicação de PCs em redes locais, para compartilhar arquivos. O **mestre**

era o computador central e os **escravos** os terminais conectados. Essa nomenclatura, porém, não agradou no mundo dos negócios. Os usuários compreensivelmente não gostavam da conotação trazida pelos termos. Foi, então, modificado, sem nenhuma cerimônia, a terminologia para **host/nó**. Ou seja, um hibridismo que colocou em convivência um termo inglês junto a um português. ("*Multiusuários, economia com menos potência*" – "PC Mundo" n. 62 p. 18).

Acreditamos que no inglês muitos nomes do vocabulário da informática se constituíram por ampliação de significado de um termo já existente, normalmente por associação dos referentes. No português, porém, foram recebidos, unicamente com o significado técnico, sem qualquer motivação semântica. Dentre os muitos exemplos, destacamos dois: no gabinete do computador há espaços nas placas para a fixação e conexão de placas acessórias. Por associação visual, recebeu em inglês o nome de **slot**, termo já existente na língua inglesa com o significado de "*ranhura, fenda*". Em português o nome remete unicamente ao seu significado na informática: *conector de expansão*. O mesmo aconteceu com **chip**, em inglês, originalmente, "*lasca de madeira*". Para o usuário falante do português, **chip** é apenas a *plaqueta de silício com transistores e diodos*. Há palavras do inglês que possuíam correspondentes iguais no português. Acreditamos que nesses casos ocorreu apenas coincidência, pois se a correspondência não existisse o vocábulo do inglês teria sido emprestado da mesma forma. Um exemplo é a palavra **cursor**.

Estaremos, em seguida, analisando alguns aspectos desse complexo e dinâmico processo de ampliação do léxico do português, a partir da constituição do vocabulário da informática. Acreditamos, porém, que somente o tempo acomodará essa situação, tornando possível que se averigue em que profundidade foi alterada (enriquecida?) a língua portuguesa.

4. CORPUS

O material sobre o qual nos debruçamos na feitura deste trabalho constou de cadernos de Informática de Folha de São Paulo (FSP), literatura técnica, revistas especializadas e entrevistas informais com profissionais da área. Contribuiu também alguma experiência nossa na área, como usuário de um microcomputador e como operador de periféricos no Centro de Processamento de Serviços e Telecomunicações (CESEC) do Banco do Brasil S.A.

Não pretendemos, obviamente, esgotar o inventário de vocábulos utilizados em informática. Procuramos, sim, selecionar e enumerar aqueles termos de uso mais corrente, sabendo que, pelo dinamismo do processo de vulgarização lexical, é tênue e indefinido o limite exato entre os vocábulos especializados e aqueles já popularizados. O significado sucinto de cada termo da informática é apresentado apenas quando julgamos necessário para a análise linguística. Não existiu a preocupação de explicitar tecnicamente cada vocábulo.

Enfrentamos alguns problemas com relação ao corpus, principalmente na FSP: há confusão entre **drive** e **driver**; o plural de **modem** aparece ora como **modems** ora como **modens**; **disquete**, já dicionarizado, vai ser registrado nas notas publicitárias também como **diskete** ou **diskette**. Encontramos **scainer** ao invés de **scanner** e **joystic** no lugar de **joystick**. Falhas de revisão em uma situação sem dúvida tributária ao estado de indefinição predominante.

4.1. Observações sobre o Aurélio

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, neste trabalho denominado apenas **Aurélio**, encontramos em muitos verbetes o significado utilizado em processamento de dados. Não conseguimos, porém, identificar o critério adotado nessa seleção: há termos muito utilizados que não constam, enquanto outros mais especializados merecem menção. Isto revela a indefinição, que já apontamos, contaminando também a lexicografia.

A propósito de dicionários, o lexicógrafo Antonio Houaiss trabalha há cerca de seis anos na elaboração de um dicionário da língua portuguesa. Este, que será o maior de todos os dicionários de nossa língua, oferecerá 270 mil verbetes, não faltando inclusive termos da informática como *deletar*, *acessar*, *imputar* e até *ofar*. Xenofobia à parte, isto representa a aceitação formal e oficial de que esses termos, com seus significados técnicos, de fato já compõem o vocabulário do português.

5. INSTRUMENTAL TEÓRICO

Para dar conta da necessidade constante de novas unidades lexicais, a língua dispõe de mecanismos próprios. Na explicitação desses recursos da língua não há unanimidade entre os estudiosos. Embora as diferenças sejam apenas de superfície, neste trabalho optamos pela classificação apresentada

por Sandmann (1990:10) que apresenta três meios de que se vale o sistema lingüístico para acompanhar a evolução ou as mudanças ocorrentes na língua: **a criação de palavras, a formação de palavras, o empréstimo**. Aproveitamos também Langacker (1980:192) e acrescentamos a essa trilogia – não só pela incidência mas também pela especificidade da ocorrência – **a ampliação de significado de um termo já existente na língua**, recurso produtivo de que se vale a língua para tornar um elemento do léxico aplicável a novas situações.

Não localizamos, no corpus, palavras novas, fruto de criação dos falantes, razão pela qual trabalhamos apenas com:

- empréstimos
- ampliação de significado
- formação de palavras

6. EMPRÉSTIMOS

Quanto à fonte os empréstimos podem ser:

- externos: quando provêm de outras línguas;
- internos: quando provêm do interior de própria língua, dos vários níveis que ela apresenta – escrita, literária, rústica, gírias, línguas técnicas, dialetos e falares.

O empréstimo externo, por sua vez, existe de três tipos: **empréstimo lexical; empréstimo semântico; empréstimo estrutural**. Classificação esta proposta por Sandmann (1990) e que também não conta com a unanimidade dos estudiosos (ver Carvalho - 1989). Fazemos aqui um novo recorte: privilegiamos neste trabalho apenas o empréstimo lexical, caracterizado como o empréstimo em que a palavra ou signo estrangeiro é recebido na língua integralmente, ou seja, com o seu significado e significante.

6.1. Uma palavra sobre o empréstimo interno

Apoiados em Sandmann (1990), enquadrados como empréstimo intrafalares a utilização, em ambiente discursivo-não-propriadamente-técnico, de termos da informática, decorrente de sua popularização. É pouco significativo, ainda, esse empréstimo, no entanto, como aconteceu com o **economês**, principalmente, é de se prever uma progressiva incorporação de expressões da informática no discurso trivial.

Embora seja mais freqüente em situação de fala, destacamos um exemplo retira-

do de um texto escrito: “Há, portanto, um GAP cultural entre executivos e especialistas em áreas estanques da tecnologia da informática e computação eletrônica.” (Marcondes - 1990:8). (GAP: *espaço na fita de gravação entre um bloco de informação e outro*). Outro termo que também poderia ser classificado como empréstimo interno é **link**, utilizado na fala como *união, intercâmbio*.

6.2. Os empréstimos lexicais externos

6.2.1. Adaptações / Alterações

O inglês possui em relação ao português não só diferenças fonéticas, (há sons utilizados pelo falante dessa língua, desconhecidos no português), como também diferenças fonológicas, (enquanto no português é distintiva a tonicidade das vogais [tônica/átona], no inglês é a quantidade [longa/breve]). As especificidades do inglês e do português – que não se limitam ao fonético/fonológico, pois estendem-se também aos níveis sintático e morfológico – são engendradas em cada um desses sistemas lingüísticos e garantidas por regras específicas, das quais dá conta a gramática particular de cada língua.

Partimos assim da hipótese de que as palavras emprestadas do inglês passarão necessariamente por um processo de adaptação nesses três níveis: fonológico, sintático e morfológico. Enquanto no nível sintático e no morfológico ocorre apenas essa acomodação necessária e automática, no nível fonológico, além da adaptação, poderão ocorrer alterações, com implicações, não obrigatórias, na representação gráfica.

Mesmo correndo o risco de detalhismo excessivo, entendemos como prudente precisar o sentido das palavras **adaptação** e **alteração**, conceitos utilizados neste trabalho. **Adaptação** é o ajustamento ou a acomodação às condições lingüísticas ambientais a que se sujeita uma unidade lexical em situação de empréstimo. A **adaptação** é necessária e automática. A **alteração**, por sua vez, diz respeito às mudanças ou modificações que poderão acontecer com a unidade lexical, o que dependerá do estranhamento dos falantes, principalmente quando da adaptação à estrutura silábica e fonética de sua língua.

No caso específico do vocabulário da informática, é possível afirmar que o usuário, falante do português, vai sempre pronunciar a palavra tentando aproximá-la do original inglês. Há, portanto, um maior número de adaptações do que de alterações fonológicas.

As **alterações** fonológicas dependem, dentre outros fatores, de como o vocábulo é recebido: se “pelos olhos” ou “pelos ouvidos”, circunstâncias que determinarão também uma possível alteração ortográfica. Vamos a alguns exemplos: uma das explicações para a introdução no português da palavra **drive** com a pronúncia **/draive/**, é a de que ela entrou em nossa língua “pelos ouvidos”, que não estranhou esse encontro vocálico. Consideramos que aqui não houve alteração, apenas adaptação na pronúncia do grupo consonantal **/dr/** e na duração da prolação das vogais, adequando-se o vocábulo à estrutura fonológica do português. Embora não conste do Aurélio, essa palavra já era nossa conhecida, com outro significado: **Drive in**. Caso diferente é o de **data** – pronunciado como **/data/** em português – que teve a pronúncia, além de adaptada foneticamente, **alterada** fonologicamente, possivelmente por ter sido recebida “pelos olhos” e confundida com a homófona do português.

Um vocábulo emprestado, já incorporado ao léxico do português, vai sujeitar-se, como já explicitamos, às regras sintáticas de organização da frase e aos paradigmas flexionais próprios do português. Como as regras de cada sistema lingüístico são autônomas e independentes, ao menos do ponto de vista sincrônico, que é o que nos diz respeito, não cabe comparar o termo depois de flexionado no português à sua forma original no inglês. O vocábulo **mouse**, por exemplo, embora possua a forma **mice** para o plural no inglês, no português sujeitou-se à flexão de nossa língua, recebendo um **/s/**: **mouses**. Não podemos dizer que o plural **mouses** no português é uma adaptação ou alteração da forma **mice**, pois esta o português reconhece como outra unidade, por sinal estranha no léxico.

Tendo como premissa, portanto, que todo empréstimo do inglês passa por uma adaptação “gramatical”, procuramos identificar neste trabalho, o que fosse relevante nesse processo. Tomamos cada unidade, já fazendo parte do repertório lexical do português, e verificamos também se sofreu alguma alteração em relação a sua forma original, quando de sua adaptação fonológica. Consideramos as alterações ortográficas como decorrentes da fonológica pois a escrita, em princípio, é a sua reprodução gráfica. Dedicamos também um capítulo aos verbos, não apenas por estarem também sujeitos a possíveis alterações, mas também por ser significativo o número de empréstimos verbais e curiosa a forma de sua adaptação ao português.

Embora a introdução de termos da

informática tenha sido principalmente “pelos olhos” devido a leitura de manuais, não é significativo o número de palavras alteradas fonologicamente. Deve-se aqui considerar que os leitores desses manuais normalmente são pessoas com escolaridade que permitiu algum contacto com a língua inglesa, ainda que superficial. Casos como o de **private**, pronunciado também **/priveiti/** é sintomático dessa preocupação de reproduzir a pronúncia original, porém em situação de pouco conhecimento da língua inglesa.

6.2.2. Observações gerais sobre os empréstimos lexicais externos

Há uma grande quantidade de nomes e verbos emprestados do inglês, iniciados com o grupo consonantal **<st>** e com consoante final de travamento estranha ao português: **stop, slot, start**, etc.

Como é costumeiro acontecer nesses casos, estes empréstimos invariavelmente recebem em sua prolação vogais protélicas (no início da palavra) e paragógicas (ao final da palavra), **adaptando-se** ou adequando-se fonologicamente à estrutura silábica do português: **/istopi/, /isloti/, /istarti/**. Quanto à manutenção da grafia original, Sandmann já observava esse fato ao afirmar que “hoje não se tem muita pressa em fazer a adaptação gráfica de elementos perfeitamente integrados”. (1990:12).

Casos como o de **scanner/scanners, winchester/winchesters, driver/drivers** contrariam no português os modelos flexionais de variação de número para os nomes terminados em **/r/** (revólver/revólveres), o que compromete nossas afirmações sobre a adaptação morfológica automática dos empréstimos lexicais externos. Aqui vale considerar que a situação atípica de incorporação de uma avalanche de termos, de alguma forma, desarranjou os mecanismos de filtragem da língua, confundindo o sistema lingüístico. Na indecisão do falante, prevalece a força simplificadora; a morfologia se acomoda aceitando apenas um **/s/** no plural, situação facilitada obviamente pela semelhança com a forma original do inglês.

6.2.3. As palavras

append; backup; boot; bridges; clipper; desktop publishing; hardware; help; jump; mainframe; off-line; on-line; overlay; peopleware; plotter; procedure; return; release; software; spool; string; wordstar.

buffer - embora a pronúncia original seja mantida pelos técnicos, os usuários com pouco conhecimento de inglês e que recebe-

ram a palavra "pelos olhos", pronunciam /bufer/.

byte - a pronúncia original /baíte/ se mantém por não ser estranho ao nosso sistema fonológico, o ditongo /ai/ e também pela necessidade de diferenciá-lo de /bite/.

cache - termo francês recebido através do inglês. A pronúncia é do inglês /quéchi/.

catalog - há duas pronúncias: paroxítona e proparoxítona. A tendência é se fixar como paroxítona, seguindo o modelo de tonicidade característico do português.

controler - embora tenhamos "contro-le" em português, se mantém o /r/ final.

default - *pré-definido, pré-estabelecido. Diz-se de um valor que será automaticamente assumido pelo sistema, caso não seja trocado pelo operador durante uma execução.* Não localizamos no Oxford qualquer significação que se aproxime desta atribuída na informática. Embora francesa, chegou até o português via inglês. Mesmo assim a pronúncia no português se aproxima do francês /defô/.

disquete - *disco flexível onde se armazenam informações.* Vimos no corpus "**disquete gigante**", mostrando que o falante não considera o ete como um sufixo diminutivo do francês. Na FSP encontramos também a grafia original **diskette** e também **diskete**.

laptop - *micro portátil.* O usuário pode operá-lo apoiando-o no colo. **Lap** em inglês é colo, o que é uma informação irrelevante para o falante do português.

loop - *ciclo. Sequência do programa que é executada repetitivamente até que determinada condição seja satisfeita.* No Michaelis "**loop** - *laço, laçada*", ou seja, como muitos dos termos de informática no inglês, este foi aproveitado pela associação do significado.

menu - incorporado do francês. Pronunciado com /u/ final.

restore - este termo inclui-se entre aqueles que foram assimilados pelos olhos, pois é pronunciado em português exatamente como está escrito. É uma palavra que quanto à grafia está de acordo com a estrutura silábica do português.

verify - *verificação, conferência.* Vale observar que não se fez o verbo no português. Utiliza-se a expressão "fazer um verify" e não "verifiar" ou "verificar".

6.2.4. Verbos com a conjugação adaptada

Já se conhecem casos de nomes emprestados do inglês e depois feitos verbos no português. Sandmann (1990) já observava esse fato, exemplificando com **surf** que deu

surf, **stress** que deu **estressar**, **snob** que deu **esnobar**. Acreditamos que na informática não ocorreu o mesmo; muitos verbos foram incorporados como tais, ou seja, como indicadores de ação e adaptados à primeira conjugação do português, que é a mais produtiva.

Convém observar que muitas dessas formas verbais ainda tem seu uso limitado à oralidade. Não é difícil prever, no entanto, a gradativa aceitação na escrita.

6.2.4.1. As palavras **blincar; linkeditar; startar; stopar.**

acessar - o verbo não foi derivado de **acesso**, substantivo do português, mas veio diretamente do inglês.

clonar/clonear: *copiar um produto, falsificar.* No Aurélio há **clone**, porém com significado utilizado na biologia e na genética que se aproxima da idéia de multiplicação. As duas formas apareceram no corpus. **Clonear** está de acordo com o paradigma verbal da primeira conjugação, pois o /e/ em **clone** consta da forma original em inglês. **Clonar** poderia ter se formado por analogia aos outros verbos emprestados do inglês que recebem o sufixo verbal ou vogal temática após a consoante final. Vale ainda observar que o sufixo **ear** não é produtivo dentre os modelos do português, sendo mais comum o acréscimo de **ar**.

debugar - *corrigir erro de programa ou de projeto em informática.* Em inglês **to debug** formou-se de maneira interessante: de + bug (**bug**: *inseto*) ou seja, corrigir o erro corresponde a retirar o inseto. Informação esta de valor apenas ilustrativo, pois o falante do português utiliza o verbo corretamente, desconhecendo a curiosidade etimológica.

deletar - *apagar, suprimir, eliminar informações da tela ou de meios magnéticos (disquete, winchester, etc.).* **Deletar** não consta do Aurélio. Encontramos, sim, "**deletério**", com a seguinte significação: "1. *Que destrói ou danifica; prejudicial, danoso.* 2. *Nocivo à saúde.*" Encontramos no Michaelis o verbo "**to delete**" com o significado de "*to strike out ou remove - apagar, anular, desvanecer, cancelar, delir*". Voltamos ao Aurélio e no verbete "delir" encontramos: "*apagar, desvanecer* - 2. *fazer desaparecer, destruir, desfazer*", correspondendo ao "**to delete**" do inglês. Como vemos, embora tivéssemos um verbo em português com o significado desejado, incorporamos diretamente do inglês "deletar", apesar do risco de confusão semântica com o "deletério". **Deleção**, que também é utilizada em informática, consta do Aurélio, porém como "*destruição*". Vale

ênfatisar que **deletar** e **deleção** são empregados na informática com o sentido de *apagar, anular, cancelar, suprimir*, enquanto ações intencionais desencadeadas a partir da vontade do operador. Reserva-se a expressão **destruição** para as situações em que há perda acidental e indesejada de informações, causada por algum tipo de problema, como vírus, por exemplo. Este termo sofreu alteração fonológica. Pronuncia-se **/deletar/**.

displeiar - *mostrar no vídeo*. Embora **display** conste do Aurélio, o verbo não foi formado no português, mas sim emprestado diretamente do inglês.

dumpar/dumpear - com este verbo ocorre situação semelhante ao **clonar/clonar**, com a diferença que o /e/ em **dump** é paragógico. **Dumpear** se faz acrescentando-se o sufixo verbal após a consoante final do inglês; **dumpear** recebeu a terminação verbal após a vogal epitética.

editar - *rearranjar os dados através da sua alteração, seleção, supressão ou inserção*. No Aurélio, no verbete **editar** consta "fazer a edição", expressão que não se utiliza em informática. Acreditamos que **editar** em informática veio diretamente do inglês com o seu significado, sendo fácil sua assimilação pela existência do **editar** em português. O mesmo que ocorreu com **cursor**.

linkar - *ligar o programa já compilado (chamado programa-objeto) com as rotinas da linguagem correspondente, gerando um programa executável*. Mantém a grafia original (k). Este verbo já é utilizado, fora da informática, no sentido de reunir, juntar: "fazer um link...".

resetar - a pronúncia ainda não se definiu entre a sibilante surda ou a sonora. Localizamos ambas: /s/ ou /z/. É derivada de **setar** que é pronunciada invariavelmente com /s/.

7. AMPLIAÇÃO DE SIGNIFICADO DE UM TERMO JÁ EXISTENTE NA LÍNGUA

A quarta possibilidade de que se vale a língua para fazer frente à necessidade de novas unidades lexicais – ampliação de significado de um termo – poderia ser classificada como **empréstimo interno**, ou **empréstimo intrafalares** de que fala Mattoso Câmara. No entanto, vimos por bem não fazê-lo, pois, na observação do corpus, verificamos diferenças suficientes que justificaram essa distinção. Se quiséssemos considerar aqui alguma situação de **empréstimo**, deveríamos levar em conta que não é emprestada

uma palavra do léxico para o vocabulário técnico da informática, mas sim é "emprestado" um significado técnico para uma palavra já existente, muitas vezes para adaptar uma tradução apressada de uma palavra do original em inglês. Um bom exemplo é a palavra "**diretório**": no Aurélio vemos nove significados de "**diretório**", nenhum deles *utilizado em informática, ou seja: "lista de arquivos de um disquete"*. Em inglês, encontramos no Oxford Dictionary, dentre outros significados: "**directory**" - *Book with list of telephone subscribers; book of rules* Como vemos, no inglês o sentido de **lista** já constava do verbete, e este novo significado foi atribuído a **diretório**, no português.

7.1. As palavras

aplicativo - *nome genérico que se dá a todos os programas que se destinam a resolver um problema prático, ou seja, a uma aplicação*. No Aurélio temos "**Aplicativo** - Adj. P. us. Aplicável." Em informática é utilizado como substantivo. É um caso de conversão.

campo - *área de memória identificada por um nome, definida para conter uma informação. Também o espaço físico (em um programa), com locale e tamanho determinados, reservado para registrar o valor de um dado*. No Aurélio encontramos "**campo** - 19. Proc. Dados. Caracteres ou grupo de caracteres que constituem uma unidade de informação, como p. ex., os bites". Sem querermos ser rigorosos com o Aurélio, poderíamos afirmar que não se trata aqui de falta de precisão, mal de que padece qualquer glossário da informática, mas sim de entendimento equivocado do termo **campo**.

configurar - 1. *num planejamento de CPD significa dimensionar os equipamentos que constituirão um sistema*; 2. *dentro de uma CPU, informar para o sistema operacional, quais os periféricos ligados àque-la CPU*.

escopo - *abrangência, amplitude da área de atuação de um comando*. Este significado amplia o já existente no Aurélio: "*alvo, intenção, intuito*."

resolução - *diz respeito à imagem do vídeo. É definida pelo número de linhas de cima para baixo e pelo número de pontos da esquerda para a direita em cada linha, na tela do monitor*. No Aurélio dentre os dez significados apresentados nenhum se aproxima deste.

endereço - *número que identifica um posição de armazenamento da memória*.

entrada - 1. *a transferência de dados ou informações ao computador*; 2. *o acesso a uma operação ou endereço da memória*.

memória principal - dispositivo físico onde os dados são armazenados durante a operação do computador. Também chamada de **memória ram**.

memória secundária - dispositivo de armazenamento adicional à memória principal. Também chamada de **memória de massa**, são os discos e fitas magnéticas utilizadas para armazenagem de dados.

partição - uma seção de um disco rígido dedicada a um sistema operacional em particular. Consta do Aurélio, porém não com esse significado.

periférico - equipamento que se liga ao computador para aumentar ou complementar seus recursos. São exemplos de periféricos a impressora, unidade de disco, teclado, vídeo. Já consta no Aurélio com esse significado, porém como Adj. Em informática é utilizado como substantivo, portanto mais um caso de conversão.

rodar um programa - utilizar um programa disponível em um disco ou fita, dispondo-o para operação. A utilização de rodar poderia ser explicada pelo movimento circular das fitas ou discos no drive quando da leitura ou gravação. Em inglês utiliza-se o verbo **to run**.

salvar - transferir o arquivo da memória principal para um dispositivo (fita ou disco) de memória de massa.

sistema - nome genérico dado ao conjunto de recursos físicos e lógicos alocados para a execução de uma rotina. Dependendo de quem usa o termo, este pode assumir significados um pouco diferenciados. Um analista/programador provavelmente estará se referindo a um conjunto de programas; já um operador de computador estará certamente mencionando o computador e seu software básico. Também é o conjunto de programas que atendem a um determinado objetivo. Por sua vez, como já observamos em capítulo anterior, o "sistema" também carrega a culpa de muitas falhas humanas de processamento!

8. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

"É de observar (...) que a maioria das formações verbais novas é do campo da linguagem técnica ou da linguagem-padrão em geral, o que se explica do fato de essas modalidades lingüísticas terem maior necessidade de cunhar expressões novas para os fatos novos do universo natural e cultural ambiente". (Sandmann - 1989:71).

Além dessa necessidade da informática de vocábulos novos, prevista por Sandmann, observamos que, por estar esse vocabulário ainda em construção e por se encontrar, de

alguma forma, descontrolado o sistema lingüístico pelo grande número de empréstimos, abre-se espaço para a criatividade na formação de novas palavras. Essa liberalidade circunstancial é que explica ousadias como **desapagar**... e outras mais. Essa profusão de termos que se formam, no entanto, seguem invariavelmente os modelos produtivos da língua. Ou seja, embora livre das peias conservadoras da língua, essa formação se dá dentro dos limites circunscritos pelos paradigmas da língua.

8.1. As palavras

-mento-atolamento; desatolamento; retracionamento; particionamento. Quanto a esta última vale lembrar que consta do Aurélio o substantivo **partição**. Sandmann já observava que essas duas formas de substantivo não se bloqueiam (1989:54).

-dor(a) - desenvolvedor; desfragmentador; gerenciador; ligador; digitalizadora. Conforme Sandmann (1989:53) os substantivos em -dor podem ser também utilizados como adjetivo. Destacamos do corpus "**gerenciador de banco de dados**" e "**sistema gerenciador**".

-ção - desfragmentação, inicialização. Substantivos derivados dos verbos respectivos.

multi - multicopiador, multitarefa, multiusuário (já apontado por Sandmann - 1989).

8.1.1. Verbos

Com prefixação: **desfragmentar; reinicializar; desformatar; reformatar; recompilar.**

abendar - não existe esse verbo em inglês, apenas o nome **abend** que se fez pela aglutinação de **abnormal end: interrupção irregular de uma operação por algum problema de processamento**. Em português utiliza-se como verbo, porém apenas na terceira pessoa, pois não se trata de uma ação que pode ser praticada pelo homem; só um serviço ou um programa é que estão sujeitos a um **abend**. Utiliza-se: "**o serviço abendeu...**".

becapar/becapear - não classificamos este verbo como empréstimo, mas sim como formação pois ele não existe no inglês, onde se utiliza a expressão "**to make backup**". As duas formas coexistem, repetindo a mesma situação, já discutida, de **clonar** e **dumpar**.

inicializar - aparentemente se fez de "**inicial + izar**". Porém em inglês temos também, no vocabulário de informática, **initialize** e **initialization**, o que nos faz crer que recebemos esse verbo diretamente do inglês. A propósito do sufixo **izar**, Sandmann

(1989:70), observa que, por ser de natureza erudita, os verbos que o carregassem teriam poucas chances de serem utilizados coloquialmente. Em ambiente de processamento de dados, o verbo em questão é utilizado coloquialmente.

particionar/particionado - de partição.

8.1.2. Variedades

A partir dos nomes **append**, **boot**, **plotter** e **procedure** se formaram os adjetivos respectivos: **apendado**, **bootável** (com a manutenção da grafia original); **plotadora** e **procedural**.

8.1.3. Alguns compostos

Arquivos não-texto; diretório-raiz; procedimentos-padrão; documentos-fonte; imagem-espelho.

9. SIGLAS

Devido à necessidade de rapidez no circuito de informação, foram adotadas muitas siglas que terminaram por ser incorporadas com um significado próprio e esquecida a expressão completa. Há siglas, formadas de nomes do inglês e também do português, que são utilizadas indistintamente pelo usuário, independentemente do conhecimento das palavras, cujos fonemas iniciais constituem o acrônimo.

Alguns exemplos colhidos no corpus: BIOS; BIT; CGA; CLI; CP/M; CPU; DOS; GAS; I/O; MODEM; PAC; PC; SGBD; TAA; VGA...

O Aurélio já registra siglas utilizadas em PD, como **RAM** e **ROM**, com os significados próprios da informática.

10. TECLADO

Com a facilidade de entrada de computadores fabricados nos EUA, Japão, Taiwan e Coreia, numa transação comercial denominada de "importabando", (a propósito, um bom exemplo de cruzamento vocabular), os usuários tiveram que se acostumar com o teclado padrão internacional, onde as teclas de operação recebem o nome em inglês. Já estão incorporadas assim os nomes como: **Caps Lock**, **Shift**, **Enter**, **Return**, **Tab**, **Ctrl**, **Tab**, **Esc (escape)**, **Reset**.

O software integrado "Oppen Acces", em seu manual de instruções, refere-se às teclas do micro dando-lhes nomes em português. A boa intenção resulta numa complicação adicional, pois o usuário tem que vertê-los para o inglês para entender! Os

nomes em inglês do teclado foram assimilados pelo usuário falante do português, sem a necessidade de conhecer a sua tradução. São novos nomes acrescentados ao seu vocabulário. Repete-se o que já ocorreu com as teclas de comando dos aparelhos de som: **play**, **rew**, **FF**, **record**. Mesmo os aparelhos fabricados no Brasil utilizam essa terminologia já incorporada ao léxico e popularizada.

11. EPÍLOGO

Não pretendemos com este trabalho a exaustão da análise. Estamos conscientes de suas limitações, contrastante com a amplitude e complexidade do processo de enriquecimento lexical em curso, com a introdução cada vez mais rápida da informática em nossas vidas. Seu principal objetivo terá sido alcançado se tivermos chamado a atenção sobre a importância desses estudos e deixado dúvidas que indiquem possibilidades de aprofundamento do tema.

12. BIBLIOGRAFIA

- BORBA, Francisco da Silva. 1970. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Editora Nacional, São Paulo.
- CARVALHO, Nelly. 1989. *Empréstimos Linguísticos*. Editora Ática, São Paulo.
- FRANÇA, Paulo Bianchi. 1988. *Introdução aos Microcomputadores*. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro.
- LANGACKER, Ronald W. 1980. *A linguagem e sua estrutura*. Vozes, Rio de Janeiro.
- MARCONDES, José Carlos. 1990. *Tecnologia, Humanismo e Sabedoria* - em *Tecnologia & Humanismo*, revista semestral do CEFET-PR. Exemplar número 7, maio de 1990, páginas 5 a 9.
- NORTON, Peter. 1987. *Desvendando o IBM PC*. Campus, Rio de Janeiro.
- NORTON, Peter. 1989. *Guia do Programador para IBM PC*. Campus, Rio de Janeiro.
- OSBORNE, Adam e David Buneel. 1983. *Introdução aos Microcomputadores*. McGraw-Hill do Brasil, São Paulo.
- RAMALHO, José Antônio Alves. 1989. *Wordstar: manual para processamento de textos*. Editora Atlas S.A., São Paulo.
- SANDMANN, Antônio José. 1989. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Ícone Editora, São Paulo.
- SANDMANN, Antônio José. 1990. *Empréstimos Linguísticos* - em *Tecnologia & Humanismo*, revista semestral editada pelo CEFET-PR. Exemplar número 7, maio de 1990, páginas 10 a 12.
- PC Mundo - revista mensal sobre microinformática. Exemplares de número 61 a 64, agosto a novembro de 1990.
- Caderno de Informática - Folha de São Paulo. Exemplares dos dias 26.09.90, 03.10.90, 10.10.90 e 27.03.91.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1986.
- Novo Michaelis - Dicionário Ilustrado Inglês-Português - Edições Melhoramentos, São Paulo: 1968.
- The Concise Oxford Dictionary of Current English - Oxford University Press: 1976.